



PROPRIEDADE DO CLÉB X  
COLLABORADORES  
OS DE CASA.

Publicação bi-mensal.—Distribue-se gratis aos pobres.

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 5 DE ABRIL DE 1869.

N. 33.

Rio, 5 de abril de 1869.

« Meu amigo.

« O folhetim do ultimo numero do X fez por ahí suas cócegas e levantou bastante poeira na estrada. Era natural.

« Nada custa tanto a tragar como meia duzia de verdades amargas e pungentes.

« Por varios motivos sei eu que o X tem sido censurado. Dizer-te por quem, é ocioso! A principio condemnavam-n'o por ter publicado um artigo, no qual o seu autor revelava a mais descommunal inveja, depois condemnaram-n'o ainda, santo Deus! por se pôr ao serviço da moralidade social. Isto não tem resposta.

« E' preciso medir, antes de tudo, a baixeza dos sentimentos desta mocidade espuria e gangrenada, que empresta ás consciencias alheias as suas proprias intenções, para depois se fazer um juizo seguro de taes accusações. E de quem são as catilinarias ás minhas pobres considerações sociaes? Exactamente d'aquelles que enterraram a carapuça até ás orelhas porque lhes servia e estava mesmo a matar.

« Faltava ainda uma accusação e essa foi apanhada com todo o cuidado dos labios do pintalegrete a quem alludia directamente o meu artigo. « Aquillo está cheio de erros, pois onde se viu lá o amor tombar do coração no estomago? que respondam á Vida Fluminense se são capazes.»

« Aqui sim, aqui embasquei deveras! Confessa commigo que é para metter medo um tão disforme Adamastor das letras, e acharás nisso

a plausivel razão porque, temendo a derrota, fujo corrido de vergonha e de... compaixão.  
Sempre teu dedicado amigo

J. R. S.

THEATRICIDIO.

Sans rancune.

A. de C.

Metti-me em boas, não tem duvida nenhuma! Sempre julguei que o X, por ser *uma incognita do mundo litterario*, estava abrigado dos aguaceiros que trazem a nova eschola *theatrica* de cantinho chorado. Enganei-me.

Quasi sempre succede assim a quem mete o dente em seara alheia. Não quero mal ao autor do *Barba de Milho* por ter confundido com duas pennadas o humilde e obscuro X. Devia-o fazer para salvaguardar das dentadas do proximo a obra que lhe consumio bastantes cabedáes literarios. Mas para responder a uma critica, bôa ou má, não é sufficiente apontar os erros dos outros, nem *pular fóra como o dunguinha*, quando ácerca de um ponto qualquer da obra criticada ha duas opiniões.

E a *Vida Fluminense* a apontar erros tem sua graça! Não lhe soôu bem que no X se escrevesse *uma carta e um artigo que nos foi dirigido* e nega-lhe o seu *veto*, exclamando de si para si: apanhei-te cavaquinho! Um *erro* e que tremendo erro fisgou a *Vida Fluminense* que, de caniço e anzol, procurava fazer represalias ao X como o rato á beira mar, com a ponta do seu rabisco delle, apanha camarões! Pois oiça a respeito

a opinião de um distinto escriptor portuguez: « Quanto ao uso dos classicos diremos que algumas vezes seguem a sintaxe figurada, isto é, preferem o verbo no singular quando usam de dois ou mais sujeitos tambem no singular, pela razão de que os pluraes commumente afrouxam e monotonisam o periodo. » Quer um exemplo Sr. A. de C.? Será do Padre Antonio Vieira. Serve-lhe? Quanto a mim tem só um pequeno defeito, é portuguez de lei. A necessidade, a pobreza, a fome, a falta do necessário para o sustento da vida—é o mais forte, etc.

Podia adduzir muitas mais citações para provar que o X teria commettido um descuido, mas nunca um erro e *erro palmar* de mais a mais qual é um que no *Desabafo da Vida Fluminense* salta como sardinha na praia.

Diz o Sr. A. de C. o seguinte:... mas que, por cautella contenta-se com traduzir algum artiguito ou *confeccionar* alguma verrina anonyma...

Quem conhece por ahi um gallicismo mais nojento? Silva Tullio, autoridade reconhecida nesta materia, é quem me vae vingar nas seguintes palavras: dizer-se *confeccionar* leis, regulamentos e artigos é não só gallicismo, mas disparate de marca maior. E mais adiante: que fazem os remendões da nossa lingua, empregam o verbo na accepção do *confectionner* francez e dizem *confeccionar* algum artiguito, alguma verrina ou o *Barba de Milho*.

Ora, doutorsinho, porque não substitue o *confeccionar* por um verbo portuguez; redigir por exemplo?! Onde estarão o argueiro e a tranca? Diga se é capaz que lhe mando a *preta dos pasteis*.

Affirma o autor do *Barba de Milho* que as parodias só tem uma significação: *fazer rir*. Tem toda a razão; nunca disse maior verdade, mas em relação sómente às parodias na nova eschola.

A que se reduz, pois, o theatro á vista disto? Forçosamente a circo de cavallinhos, onde tanto os espectadores como os actores riem-se a bom rir, e nisso consiste todo o merito de semelhante divertimento.

E o que é parodia? O *Barba de Milho*?

Quando é que a parodia deixou de ser a imitação burlesca de composição séria?

Ide perguntal-o a Piron que trazia para o campo da galhofa e da gargalhada desabrida as melhores tragedias de Voltaire e até a *Philomèle* de Roy, representada na Opera italiana.

Foi elle o rei da parodia. Modernamente vemos o Palha parodiando a tragedia na *Fabia* e na *Morte do Catimbáo* e a *Lucia no Andador*

das Almas. O D. Jayme é parodiado pelo chistoso Roussado.

Como se vae, pois, parodiar o *Barbe Bleue* que já por si é uma parodia do principio ao fim? Ou então sêde logicos. Uma vez que esta operetta já nos faz rir bastante, fazei com que o *Barba de Milho* seja para o espectador uma continua e eterna gargalhada.

Em relação á parte poetica fiquei na mesma e o pobre do verso deffinitivamente aleijado para todo o sempre. Infeliz.

O Sr. A. de C. não é muito forte em *pathologia*; não é essa certamente a sua especialidade, segundo o demonstrou na questão das *sanguexugas*, mas lá tem por conselheiro nestas cousas o Sr. D. Lima, que o ha de pôr fino em taes estudos de modo a não desmentir o mestre.

Em todo o caso torno a repetir-lhe que as *sanguexugas* morrem quando estão bem cheias e nutridas, se é que não estouram como o dotorinho está muitas vezes prestes a estourar pelo muito chiste que em si concentra.

*Sans rancune.*

*Dr. Extractum Carnis.*

## DISCURSO

RECITADO NA MISSA DO SETIMO DIA POR ALMA DE J. G. CAZENAVE NEBOUT.

Le corps né de la fange y entre enseveli  
Et l'esprit, remonté vers sa source divine.  
Va chercher son arret où fut son origine

LE FRANC de POMPIGNAN.

Senhores !

Depois dos canticos solemnes dos Levitas do Senhor; depois das preces imponentes, cujos sons, se não resoam pelas naves e pelas ogivas das columnas do Templo, repercutem ainda no peito de cada um de nós ao prostarmo-nos perante a Divindade;—depois das religiosas emoções que em nossas almas despertam os sons e as harmonias lagrimosas dos hymnos funebres, permitti que eu cumpra um dever sagrado vindo depôr ante o sarcophago de Jean Guilhaume Cazenave Nebout o tributo que á morte deve a dôr e a saudade.

De certo, senhores, não é a minha voz debil e fraca, como a junça dos paludes, a mais propria para vir reviver no tabernaculo da oração essa vida que se escoou subitamente na hora da primavera.

Satisfaz, porém, intimamente o coração quando, no meio da dôr que o confrange, no meio do sentimento que o enerva, elle faz resvalar aos labios no meio da imponencia e magestade do Templo, a seguinte verdade :

Aquelle a quem ainda ha pouco apertavamos a dextra foi um bom e extremoso filho, um amigo dedicado; foi um coração puro, um carácter exemplar, uma alma generosa e bemfazeja que tinha por norma o dever e por bussola a lei. Cazenave Nebout, senhores, vós o sabeis, não necessita de encomios. O pó do sepulchro, os vermes e o tempo bem podem corroer o cadáver; a alma, porém, desprende-se da materia e sóbe a região etherea, pois como bem diz o poeta das harmonias no sagrado poema do Vedan:

*De quelque coté que vous incliniez la torche  
La flamme se redresse et monte vers le ciel.*

As virtudes do finado não desapparecem rápidas como o dobre do sino do campanario; elles sobrevivem á materia e são o unico conforto que o Omnipotente concede aos seus parentes, aos seus amigos e aos seus consocios para suavisar o vacuo deixado por tão prematuro, infasto e doloroso passamento.

O Simoun não levanta só com seu sopro as areás ardentes do deserto, elle arranca as hastes das palmeiras e turva as aguas crystallinas dos oasis.

O furacão quando assobia nas quebradas das cerranias não escolhe para destruir o que já caminha para o ocaso da vegetação: não, elle levanta pela raiz a arvore frondosa da floresta, e derruba igualmente a singela e flexivel casuarina; elle reserve aqui em louco turbilhão as folhas secas, e mais longe corta pela haste a flor que principia apenas a enverdecer aos primeiros albores da vegetação.

Assim é a morte, senhores, a implacavel e inflexivel morte!

E esse espetro traiçoeiro que nos espreita desde o ventre maternal; — essa sombra que nos acompanha e segue na alegria e na dôr, na miseria ou na opulencia; — esse resultado mathematico e inevitavel da vida; — esse drama que se repete e reproduz diurnamente; — esse vortice sem cessar do encadeamento de todos os seculos passados e futuros não poupou ainda desta vez nem a mocidade, nem a seiva, nem a idade, nem as invejadas qualidades do finado.

O anjo da morte tocou-o com suas gelidas azas e o reduziu a cadáver antes de completar seu quinto lustro!

Quantas idéas nobres não se aninhavam naquelle cerebro de 25 annos?

Quantos sentimentos elevados, cheios de unção pela familia, de respeito para com seus superiores, de abnegação pela amizade e de amor pela patria não pullulavam naquelle coração ainda não polluido?

Tudo se esvaeceu e anniiquillou pela lamina do punhal assassino!

A realidade é este officio funebre; são os sons lugubres da orchestra, são os canticos dos sacerdotes; é a dôr sincera d'aquelles que vêm tributar ante as aras sagradas singelo culto ao Rei dos reis; é aquelle simples tumulo onde repousa seu cadáver entre os alamos e os ciprestes da vasta necropolis do Cajú.

Façamos votos para que o vil sicario não fique impune, mas lancemos para longe de nós a idéa de *vendicta*, imploremos a Deus piedade para os manes de nosso consocio e aos homens justiça contra seu assassino.

Aqui, senhores, no tabernaculo da paz, onde vimos celebrar as exequias de Jean Guilhaume Cazenave Nebout, tributemos-lhe uma prece tão pura e verdadeira como elle a merece; intercedamos ao Senhor dos mundos para que as camadas de terra que cobrem seu corpo no ultimo jazigo lhe sejam tão leves quão leve foi elle sobre a terra.

E antes de transformos os umbraes deste santuario digamos com o bardo dos cantos da solidão.

Adeus, portanto, funebre recinto.  
E tu, amigo, que tão cedo vieste  
Pedir-pousada na mansão dos mortos  
Adeus!...

M. P. B. JUNIOR.

## ALBUM.

Abrimos hoje esta secção no nosso periodico para transcrever as *preciosidades* que por ahi se forem publicando.

Para portico de tamango monumento levantado á gloria das letras patrias temos á mão o dulcissimo e inspirado poeta frei Manoel de Santa Izabel Brandão. A escolha não podia ser mais bem acertada. Vejamos se assim é.

Commentar um trabalho desta ordem seria commetter o mais tremendo absurdo, mas mal nos ia tambem se deixassemos perdidas, como os brilhantes no leito de um rio, tantas bellezas poeticas que nesta *elegia* se encontram. O que ha de melhor, pois, de mais arrojado, e de mais assombroso, vai em gripho muito de propósito:

### Elegia.

O AUTOR OFFERECE AO SEU DISTINCTO AMIGO CHAGAS.  
Lux perpetua luceat ei Domine  
Cum sanctis tuis in aeternam quia pius es.  
(Eccl. Comunio Missa.)

Que é isto, senhores, qu'a alma m'inspira?  
Lagrimas banham-me a fronte.

Não sei minhas magoas como conte,  
Bem triste eu lanço mão da lyra  
*Os arrojos me arrastam;*  
Qu'um grão vulto m'excita!  
Por quem meus olhos de chorar não bastam,  
Choram um'alma bemdicta:  
*De mim fui o profano!*  
Qu'ignorais de um Deus altos arcanos.

Fallo d'aquelle caracter venerando  
Qu'o Caxias abraçou  
Quando o anjo lhes fadou,  
Por quem a patria está hoje suspirando;  
Apenas lembro o nome seu querido  
Que na passagem foi do dia ingente  
De todos applaudido:  
Por o auto que lavrou intelligente!  
Firmou com todos de alegria *summa*  
O admirante o visconde de Inhaúma!!!

Acabas d'o perder brasilia terra!  
Como não sentirás saudosa?  
Origem foi a mais cruenta guerra  
Que a vida damnou-lhe tão ditosa!  
E recente voltando  
Vio os seus, os amigos, e enfermando  
*Baixou á campa a alma tão bondosa...*  
Para a gloria viajou  
Quantas saudades a todos que deixou! ?...  
Finou Joaquim José Ignacio, por qual juro  
Tão glorioso nome!  
O tempo que a si proprio se consome,  
*O respeitará no seculo futuro.*  
E quem mais prantea  
Esse heróe famoso  
Cuja ausencia tão sentida s'alardêa! ?...  
O Inhaúma saudoso...  
Já não falla, não responde,  
*Foi pra junto de Deus nosso visconde,*

Por frei MANOEL DE SANTA IZABEL BRANDÃO.  
Rio de Janeiro, 15 de março de 1869.

Muitas cousas se concluem desta *Elegia*, mas duas principalmente, que não podem ir sem nota apezar da promessa que fizemos de não commental-a.

A primeira é um sublime arrojo poetico! Frei Manoel tem o dom *sui generis* de levar as lágrimas á fronte por meio de algum repuxo talvez, se é que não costuma chorar de cabeça para o chão e pés para o ar?

A segunda é uma blasphemia, blasphemia atroz nos labios de um cenobita, que deve ter queimado as pestanas na leitura dos poeirentos bacamartes de theologia. Dá á alma attributos materiaes, confunde-a com o corpo que a terra consome, e diz:

*Baixou á campa a alma tão bondosa...*

Que pensará o Revm. bispo de Pernambuco quando souber disto? Onde se vio negada a immortalidade da alma com tamanha audacia?

Vê-se logo á primeira vista e de uma assen-

tada que frei Manoel é um talento transcendente tanto para a poesia como para a philosophia christã.

E entretanto já um distincto jornalista fluminense disse que Mont'Alverne tinha escripto o testamento das ordens monasticas no Brasil. Pois querem maior vitalidade do que a que se revela nos carmes inspirados de frei Brandão? Não será elle o herdeiro e continuador das glorias de S. Carlos, Sampaio e tantos outros luminares?

O talento de frei Manoel é capaz de salvar uma nação quanto mais uma corporação! Tudo está em que elle continue a poetar.

J. I. X. BARRETO BASTOS.

## O ERRO PELO ERRO.

**Comedia em um acto.**

POR PICK-NICK.

Continuação do n. 32.

PAULO.

(A'parte). Morreu e ainda morre pelos cobres do avô. (alto) Ha singularidades incomprehensíveis na vida destas organizações excepcionaes. Seu neto amava a pobreza, e incommodava-se seriamente quando o alcunhavam de herdeiro do bipede mais rico de Vassouras.

BARNABÉ.

Ora essa! é singular.

PAULO.

Para elle o talento era a primeira realeza, a melhor e a mais legitima da terra.

Depois desta realeza, que nascia da cabeça, renhecia ainda outra que nascia do coração. Era o amor, mas o amor ideal, o amor que a phantasia illumina, e cujas formas vaporosas só os olhos d'alma pôdem vêr.

BARNABÉ.

Sempre o conheci assim, desde a idade de um anno. E o que quereriam dizer os amigos de meu neto, com chamarem-me bipede? E' um elogio naturalmente de que eu não sou merecedor.

PAULO.

E'... é, talvez lisongeiro de mais, mas que o merece, merece.

Eis aqui o medico de Ambrosio.

Sr. doutor, apresento-lhe o Sr. Barnabé do Patrocínio, avô deste infeliz, meu muito extremoso amigo.

BARNABÉ.

Ah! é o Sr. doutor! Vio-o então morrer, não? Como foi que elle morreu? Ora conte-me lá isso Sr. doutor?

(Continúa.)